

DOI: 10.46943/IX.CONEDU.2023.GT02.009

APRENDIZAGEM DISCENTE NO ENSINO SUPERIOR: UMA INVESTIGAÇÃO NO CONTEXTO DAS LICENCIATURAS DO INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO CEARÁ - CAMPUS TIANGUÁ

JOSY LÚCIA GONÇALVES

Mestra em Educação Profissional e Tecnológica, Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE - Campus Tianguá), josy.goncalves@ifce.edu.br;

BEATRIZ DA COSTA SILVA

Graduanda do Curso de Licenciatura em Física do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE - Campus Tianguá), beatriz.costa.silva08@aluno.ifce.edu.br;

SANDRA OLIVEIRA DOS SANTOS

Graduada do Curso de Licenciatura em Física do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE - Campus Tianguá), sandra.oliveira.santos07@aluno.ifce.edu.br;

RESUMO

A aprendizagem é uma discussão pontual e sempre necessária no âmbito escolar. O ensino superior é também um espaço de aprendizagem onde deve-se considerar modos e estilos que os discentes possuem ao aprender, características deste processo, os seus diversos interesses, motivações, capacidades, crenças, expectativas e tantos outros fatores que podem interferir direta ou indiretamente nesta questão. Este estudo investigou as concepções que os discentes das licenciaturas em Física e Letras do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará/ Campus Tianguá possuem sobre seu processo de aprendizagem, considerando questões pessoais, os indivíduos envolvidos, os fatores, as condições e aspectos, a fim de subsidiar reflexões que possam levar a discussão de práticas pedagógicas mais coerentes com a realidade local, tornando esta pesquisa um instrumento para o diálogo institucional

e busca de melhorias no campo pedagógico. Como metodologia, partindo de uma abordagem tanto quantitativa quanto qualitativa, foi realizada uma revisão bibliográfica dos estudos sobre a temática da aprendizagem no ensino superior e aplicação de um questionário com questões objetivas e subjetivas que permitiram traçar um perfil e mapear a aprendizagem dos discentes das licenciaturas do campus. Como resultados podemos apontar que a maioria dos discentes possui conhecimento de seu processo de aprendizagem, estabelece metas e objetivos para seu processo, e se possui horário de estudo e parcialmente organiza-se através de uma rotina, relatam dificuldade em manter o foco e a concentração, possuem o hábito de se autoavaliar elucidando e descrevendo suas dificuldades, mesmo não sendo um instrumento utilizado pela maioria dos professores, possuem clareza do que os motiva, apontam a necessidade de uma relação dialógica com o docente para uma e sinalizam os feedbacks sobre atividades e avaliações realizadas como algo que favorece a aprendizagem, com relação às metodologias há um tímido distanciamento entre o que pratica os docentes e o que facilita a aprendizagem dos discentes.

Palavras-chave: Aprendizagem. Discente. Ensino Superior. Licenciaturas

INTRODUÇÃO

A aprendizagem é uma discussão pontual e sempre necessária no âmbito escolar, portanto comumente debatida por pesquisadores e profissionais da área. Campos (2013) a descreve como um processo natural do indivíduo, presente desde o nascimento, o qual envolve o desenvolvimento de habilidades, potencialidades físicas, intelectuais e emocionais. Concordando com a autora, Skinner (1972) afirma que toda criança ao nascer possui potencial biológico para aprender (*apud* PILETTI; ROSSATO, 2019, p. 26).

Na visão de Piletti e Rossato (2011), todos os indivíduos possuem aptidão para aprender, o que difere em cada um é o ritmo de aprendizagem e a forma como ocorre esse processo, visto que existem diversas formas que possibilitam ao indivíduo aprender, sejam elas lendo, ouvindo, observando, debatendo ou até mesmo ensinando. Os autores ressaltam ainda que,

[...] o aluno dispõe de uma série de atitudes, habilidades e expectativas sobre sua própria capacidade de aprender, seus conhecimentos, e percebe a situação de aprendizagem de uma forma particular, provavelmente de modo diferente da de seus colegas e até mesmo de seu professor. (PILETTI; ROSSATO, 2011, p.41)

Tal capacidade se relaciona ao processo de auto-observação do sujeito que, por sua vez, “[...] permite ao indivíduo identificar seu próprio comportamento, o que deve ocorrer na amplitude das várias dimensões do desempenho: qualidade, quantidade, originalidade, sociabilidade, moralidade e desvio” (POLYDORO; AZZI, 2009, p.76). Além disso, possibilita que ele esteja ciente das condições que aprende.

Desse modo, este estudo teve como objetivo o de investigar as concepções que os discentes das licenciaturas em Física e Letras (Português - Inglês) de Licenciatura do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Ceará (IFCE), *Campus* Tianguá, acerca do seu processo de aprendizagem, considerando questões pessoais, os indivíduos envolvidos e o ambiente onde esta se desenvolve a fim de subsidiar reflexões que possam levar a discussão de práticas pedagógicas mais coerentes com a realidade local, tornando esta pesquisa um instrumento para o diálogo institucional e busca de melhorias no campo pedagógico.

Para tanto, como objetivos específicos deste estudo foram propostos a realização de uma revisão bibliográfica sobre a aprendizagem, o mapeamento das

concepções de aprendizagem dos discentes utilizando um questionário eletrônico com questões objetivas e subjetivas, bem como discussão do processo de aprendizagem e seus interferentes.

A importância de realizar tal estudo se deve ao fato do público-alvo desta pesquisa envolver graduandos de cursos voltados à formação inicial docente. Boruchovitch (2014) diz ser necessário trazer uma discussão adequada sobre a temática no âmbito das licenciaturas, pois esse espaço carece de autorreflexão do docente em formação acerca de sua própria aprendizagem, visto que, futuramente atuará nesta importante questão junto aos seus discentes.

Nesse sentido, a autora ressalta que é preciso nos cursos de formação docente “[...] vivenciar a metacognição como um exercício, como uma possibilidade de autorreflexão acerca de suas próprias facilidades e dificuldades de aprender a aprender e de ensinar para se aprender a aprender” (p.406).

Entende-se que o Ensino Superior é um espaço de aprendizagem, onde deve-se considerar modos e estilos que os discentes possuem ao aprender, características deste processo, os seus diversos interesses, motivações, capacidades, crenças, expectativas e tantos outros fatores que podem interferir direta ou indiretamente nesta questão. Dentre estes, destaca-se também a relação professor-aluno, em que Silva e Ribeiro (2020) consideram uma incoerência “assumir uma atividade de docência sem se aprofundar no conhecimento e na prática de uma relação que colabore para a aprendizagem”.

Para além da necessidade de aprofundamento na temática por parte do docente é preciso que o discente compreenda o seu processo de aprendizagem. Nesse sentido, este estudo propõe responder os seguintes questionamentos: Como os alunos dos cursos de licenciatura do IFCE – **Campus** Tianguá aprendem? De que forma se organizam em seu processo de aprendizagem? Quais os recursos que facilitam a aprendizagem? Rotinas e horários podem colaborar? O que te motiva a aprender? Concentração e foco são importantes? A qualidade de vida do estudante interfere? Qual estilo e perfil de aprendizagem? A relação dialógica com os docentes favorece a aprendizagem? Memória e afetividade interferem no processo de aprendizagem? A organização do processo de ensino impacta a aprendizagem? Quais metodologias adotadas por seus professores proporcionam mais entendimento do conteúdo?

O caminho metodológico desta pesquisa partiu de uma revisão bibliográfica que foi base para a produção e a aplicação de um questionário ao público-alvo para

discussão dos pontos relacionados à aprendizagem dos discentes. Na sequência são apresentados e discutidos os resultados encontrados relacionando a outras pesquisas já realizadas na área.

METODOLOGIA

Em conformidade com os objetivos deste estudo, desenvolveu-se uma pesquisa de natureza básica, com abordagens tanto quantitativas, quanto qualitativas. O presente estudo traduz-se na ideia de compreender o fenômeno da aprendizagem num determinado grupo e contexto local considerando para isto as subjetividades destes sujeitos .

O estudo foi realizado no âmbito das licenciaturas de Física e Letras (Potuguês - Inglês) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará, **Campus** Tianguá. Quanto aos procedimentos técnicos, dividiu-se em três etapas. Sendo a primeira uma pesquisa bibliográfica, na qual buscou-se analisar trabalhos acerca da temática disponíveis em meio físico e virtual sobre a questão da aprendizagem e seus desdobramentos seguindo as etapas fundamentais propostas por Lakatos e Marconi (2003, *apud* Brito, Oliveira e Silva, 2021) que são “escolha do tema; elaboração do plano de trabalho; identificação; localização; compilação; fichamento; análise e interpretação e redação” (p.8).

Na segunda etapa, realizou-se uma coleta dos dados primários relativos à concepção da aprendizagem dos discentes através de instrumento elaborado com base no referencial teórico levantado. Para tanto, realizou-se a aplicação de questionário eletrônico, via **Google Forms**, aos discentes dos cursos de Licenciatura do IFCE – **Campus** Tianguá. Composto por questões objetivas e subjetivas, este questionário buscou abordar alguns quesitos pessoais necessários para caracterizar e traçar o perfil do público-alvo relacionados à idade, formação anterior, gênero, dentre outros. Nas seções seguintes o instrumento buscou obter informações do entrevistado sobre a sua aprendizagem: como o mesmo aprende, quais recursos utiliza neste processo, relações desta com a memória e afetividade, a motivação para aprender, a qualidade do sono, dedicação em horas de estudo, estabelecimento de metas e rotinas, a autorreflexão do processo vivenciado, dentre outras, metodologias utilizadas e que facilitam a apropriação dos conhecimentos, relação professor-aluno, dentre outros.

Com relação à abordagem dos discentes, eles foram convidados a participar da pesquisa via *e-mail*, através do qual receberam o *link* para acesso ao questionário acompanhado do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Ao enviar sua resposta, o participante recebeu uma cópia de todas as respostas que retornou no questionário.

Na sequência a terceira etapa foi de análise dos dados, neste caso, optou-se pela análise do conteúdo, que de acordo com Bardin (2016), trata-se de

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 2016, p. 48).

Para este fim, foi realizada a pré-análise dos dados, seguida da exploração do material categorizando as informações recebidas finalizando com o tratamento dos resultados, realizando inferências e interpretação dos dados à luz das teorias disponíveis (BARDIN, 2016))

A pesquisa, por envolver dados sensíveis dos seres humanos, teve todos os procedimentos conduzidos pela Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), conforme Parecer nº. 5.971.830, de 29 de março de 2023.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

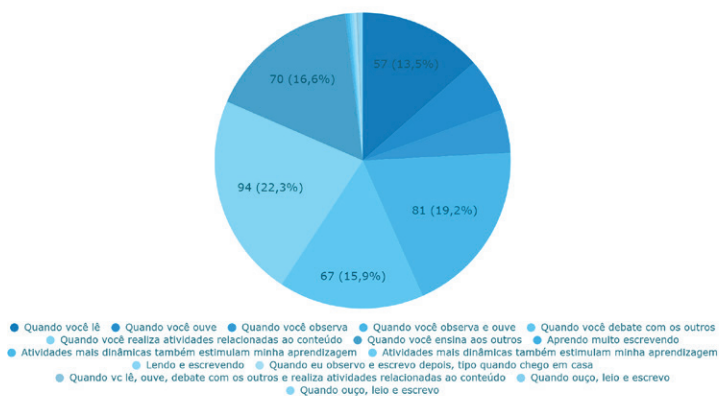
O questionário da pesquisa foi encaminhado aos cursos de Licenciatura em Física e Letras (Português e Inglês) do IFCE, *Campus* Tianguá, obtendo-se o retorno de 150 discentes no período de 18 de abril a 01 de maio de 2023.

Como caracterização da amostra temos que 42,7% dos respondentes é do sexo masculino e 57,3% é do sexo feminino. Destes, 80 alunos cursam Licenciatura em Letras (Português e Inglês) e 69 cursam Licenciatura em Física. Sendo 74 discentes matriculados no período matutino, 61 noturno e 14 vespertino, observa-se ainda que a maioria desse público, cerca de 54,7% (82 discentes), possuem faixa etária entre 17 a 20 anos, seguido de 36,7% (55 discentes) entre 20 a 25 anos, em sua minoria tem-se 5,2% (8 discentes) entre 25 a 30 anos seguido de 3,3% (5 discentes) com faixa etária de 30 a 50 anos. Ressalta-se, ainda, que a última escolarização

obtida pelo é o nível médio com 63,1% (94 discentes), seguido do nível técnico integrado ao ensino médio com 30,2% (45 discentes).

As questões propostas neste instrumento buscaram compreender como os alunos aprendem, considerando que cada indivíduo aprende “sob determinadas condições e de acordo com o próprio ritmo” (PILETTI, 2011, p. 10). Destaca-se que a maioria dos discentes (62,7%) assinalou que aprende de forma mais efetiva quando realiza atividades relacionadas ao conteúdo, 54% quando observa e ouve, 46,7% ao ensinar o outro, 44,7% ao debaterem os assuntos desenvolvidos, 38% ao realizarem leituras dos conteúdo. Ressalta-se aqui, que nesta amostra, as atividades propostas nas disciplinas são fundamentais para o desenvolvimento da aprendizagem reforçando que a assimilação ativa tem papel fundamental. Neste contexto, entende-se por assimilação ativa a mobilização das atividades físicas e mentais próprias do aprendiz sob a influência do professor, pois “conhecimentos, habilidades, atitudes, modos de agir não são coisas físicas que podem ser transferidas da cabeça do professor para a cabeça da criança” (LIBÂNEO, 2013, p. 89).

Gráfico 1 – Como os alunos aprendem.



Fonte: Dados da Pesquisa, 2023

De acordo com Oliveira (2017) o ensino superior necessita ser um espaço que motive e que não esteja apenas ocupado na transmissão de conteúdos de forma não interativa. Na perspectiva de Piletti e Rossato (2019), os autores destacam a motivação como fator intimamente ligado à aprendizagem, pois a partir dela docentes e discentes estão sujeitos a estímulos e incentivos tidos como propícios para o

processo de ensino-aprendizagem. Os autores ratificam ainda que a escassez de motivação por parte dos discentes tem se mostrado um dos maiores obstáculos na efetivação de uma aprendizagem significativa.

Guimarães (2001, p.78) diz que “[...] a motivação de um aluno e suas causas não é um assunto que se limita à família, a ele próprio ou a outras condições fora da situação escolar”, para a autora, a motivação trata-se de uma combinação de fatores, que resultam no “sistema de interações multideterminadas”, onde o que acontece no âmbito escolar ainda é de grande relevância entre tantos espaços.

Neste sentido, ao questionar aos discentes sobre o que os motiva a aprender no ensino superior, obtém-se¹: a possibilidade de um futuro na carreira (123 respostas), importância pessoal (69 respostas), interesse (62 respostas), satisfação (58 respostas), nota (22 respostas), alegria (14 respostas), entre outros. Abraham Maslow em sua teoria sobre a hierarquização das necessidades, afirma que os seres humanos dispõem de uma série de necessidades que os motivam, dentre elas estão as necessidades de segurança que podem ser físicas ou psicológicas, um exemplo seria a busca pela estabilidade financeira, onde os indivíduos têm como fonte de motivação para estudar a possibilidade de um trabalho mais condizente através de sua formação. (PILETTI; ROSSATO, 2019). A maioria dos respondentes da pesquisa (87,3%) apontam como estímulo que colabora para a motivação, a ação dos docentes de dar **feedbacks**, sejam eles positivos ou negativos.

Além da motivação, outros interferentes precisam ser considerados neste processo de aprender. Para Malheiros, a “concentração e foco são componentes fundamentais para a aprendizagem” [s.d], ao questionar os discentes se eles se consideram focados e se conseguem se concentrar sem maiores dificuldades para aprender, 48,7% dos discentes alegaram que sim, 44% marcaram que nunca e 7,3% raramente. Tem-se aqui que mais de 50% dos respondentes possuem dificuldade para se concentrarem nos momentos de aprendizagem o que se torna um ponto a ser explorado. De-Nardin e Sordi ao discutirem o processo de atenção e avanço da tecnologia atualmente afirmam que para este contexto “precisamos responder com grande capacidade de focalização em pontos múltiplos e com avidez de novidade. Produzem-se, então, exigências como pontualidade, focalização e reconhecimento” acrescentando ainda que “a atenção é condição para a realização de tarefas e para o processamento de informações.” (2007, p.99).

1 Ressalta-se, que nesta questão os respondentes poderiam selecionar mais de uma opção.

Neste ínterim, podemos ressaltar que concentração e foco necessitam ser alvos de discussão na instituição para compreender quais as dificuldades dos discentes e como é possível colaborar para o desenvolvimento destes, sendo que muitos estudos já apontam algumas práticas que utilizam como possibilidades para abordagem destas questões. Alguns discentes já mencionam algumas técnicas e práticas mais utilizadas para conseguirem melhorar seu desempenho na aprendizagem, dentre estes se encontram o ato de ouvir música (117 respostas), praticar atividades físicas (47 respostas), meditação (22 respostas), ouvir ruído (9 respostas) e praticar Yoga (8 respostas).

Existem muitos fatores que interferem diretamente na aprendizagem, dentre estes pode-se destacar a qualidade de vida do estudante que, por sua vez, inclui a quantidade de horas de sono, seu ambiente de estudo, a organização do mesmo com os estudos, se ele tem em sua rotina um horário de estudo, se há um comprometimento de sua parte com essa rotina, quantas horas são dedicadas, enfim as condições que ele tem que considerar para aprender.

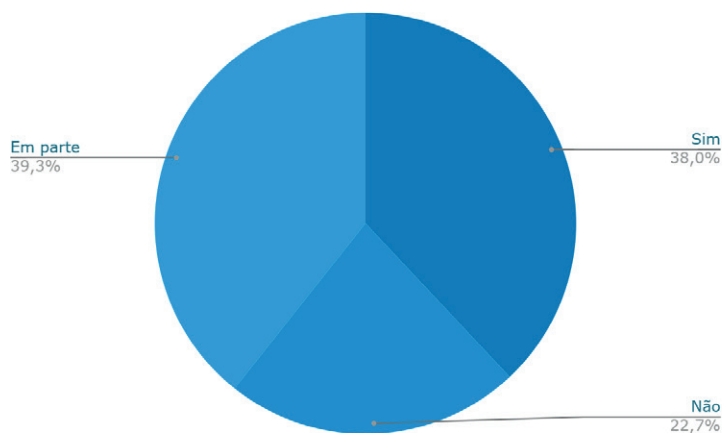
Couto et al (2018) ao discutirem as relações entre sono e aprendizagem na adolescência apontam que a recomendação para esta fase é que tenham em média nove horas de sono por dia, acrescentando ainda que a diminuição nestas horas apontam tendências de quedas consideráveis nos rendimentos acadêmicos e de aprendizagem. Portanto, ratificam que a “boa qualidade de sono é essencial para modular inúmeras funções cognitivas, bem como a consolidação da memória e a aprendizagem” (p. 44). Como a maioria do público-alvo desta pesquisa encontra-se na fase da adolescência, quando questionados sobre as horas de sono, apontaram que 42% destes destinam 6 (seis) horas para o sono do dia, os outros 24% e 16,7% apontaram 7(sete) e 5(cinco) horas, respectivamente. Apenas 1,3 % dos respondentes mantêm o recomendado de 9 (nove) horas de sono. Portanto, como consequência, esta privação do sono pode acarretar em dificuldades para aprender. Isso porque o processo de aprendizagem ocorre por meio da consolidação da memória e o sono cumpre um importante papel nesse processo (VALLE; VALLE; REIMÃO, 2009, p.287),

Basso *et al* em um estudo que relata uma experiência de organização do tempo e métodos de estudo com estudantes universitários apontam que uma questão que dificulta o desempenho destes é a “procrastinação acadêmica”, entendido como “o comportamento de adiar o início ou a finalização das tarefas acadêmicas e pode provocar ansiedade, depressão, vergonha e culpa” ressaltando ser este um

problema comum no ensino superior (2013, p. 284). Nas oficinas que realizaram com os discentes confirmaram que uma estratégia que pode favorecer o desempenho acadêmico e evitar a procrastinação é a criação de uma rotina de estudos materializada através de uma agenda “instrumentalizando os estudantes para administrar melhor este tempo, criando rotinas de estudo, fracionando as atividades para garantir sua execução e, conseqüentemente, potencializando os resultados das horas dedicadas às atividades acadêmicas.” (2013, p. 284).

Para isto é necessário que o estudante possua um tempo de dedicação às atividades do curso organizadas previamente para garantia de que serão realizadas. Nos dados coletados inferimos a necessidade de orientação do público-alvo da pesquisa com relação a esta rotina que é fundamental para a aprendizagem. Conforme mostra (Gráfico 2), observa-se que a maioria dos respondentes (77,3%) possuem um horário de estudos, o que sugere uma preocupação em destinar parte do dia para as atividades acadêmicas. No entanto, 39,3% (59 respondentes) não dedicam um horário específico para o estudo.

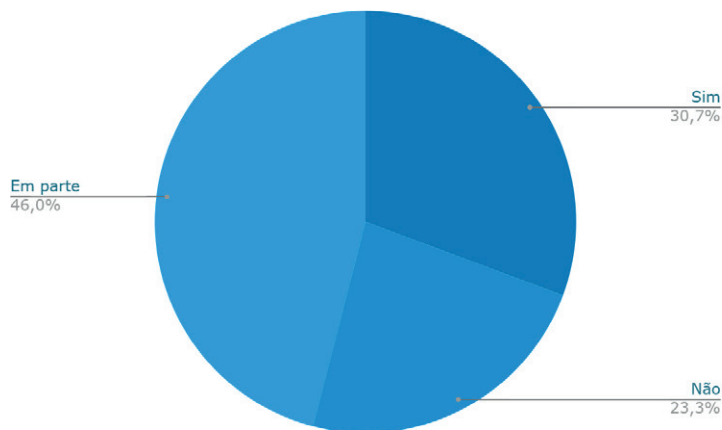
Gráfico 2 – Horário de estudo



Fonte: Dados da Pesquisa, 2023

Tendo em vista a importância de organizar os estudos e ter uma rotina para o cumprimento das tarefas demandadas, o estudo revela que (Gráfico 3) 46% organizam parcialmente uma rotina de estudos e 23,3 % nem possuem esta rotina.

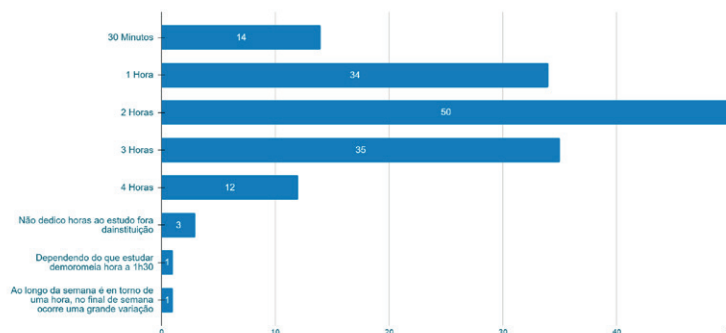
Gráfico 3 – Organização da rotina e estudos



Fonte: Dados da Pesquisa, 2023

Com relação a quantidade de horas diárias destinadas ao estudo e desenvolvimento de atividades acadêmicas fora dos períodos de aula da instituição (Gráfico 4), observa-se que 33,3% dedicam uma hora, 23,3% três horas, 22,7% duas horas, 9,3% trinta minutos, entre outros. Reafirma-se, através destes dados, a urgência de orientação dos estudantes sobre o estudo diário e organização de uma agenda com tarefas discriminadas e passíveis de execução por parte destes.

Gráfico 4 – Carga horária dedicada aos estudos



Fonte: Dados da Pesquisa, 2023

Outra questão igualmente assinalada por Basso *et al* (2013) está relacionada ao ambiente e a preparação deste para os estudos, sobre isto os discentes sinalizaram que utilizam o quarto como ambiente de estudos, acrescentando que é um local tranquilo e descrevendo que procuram organizá-lo para garantir a concentração.

Mourão Júnior (2015, p.780) considera a memória como a “capacidade que os seres vivos têm de adquirir, armazenar e evocar informações”. Campos (2013, p. 57 - 58) concorda que a memória “[...] faz com que aquilo que está sendo aprendido seja assinalado, retido e depois lembrado pelo indivíduo, isto é, evocado ou reconhecido quando aparece no campo da consciência do indivíduo”, no entanto, diz que o processo de aprendizagem não deve ser reduzido ao ato de memorizar, uma vez que esse envolve também o desenvolvimento de habilidades físicas, mentais e afetivas. A maioria dos entrevistados (97,3 %) reconhece que a memória tem relação com a aprendizagem.

Outro ponto levantado na pesquisa foi sobre a relação entre a afetividade e a aprendizagem. Lopes, Clemente e Moraes (2023), ao refletirem sobre os afetos e o poder de agir na relação entre professor formador e professor estagiário, concluem que “os afetos exercem uma função singular que pode [...] servir de alargador das potencialidades dos futuros profissionais”, sendo necessária esta discussão seja “objeto de reflexão durante a formação docente” (p.22). Wallon (1968, *apud* Piletti e Rossato 2011) “afirma que na relação de sala de aula com o educador, o aluno tem a possibilidade de desenvolver-se como um todo, nos seus conjuntos cognitivo, motor e afetivo” (p.109). Ainda neste contexto, ressalta-se a importância da atuação do professor para com seus alunos, que na visão Libâneo “não apenas transmite uma informação ou faz perguntas, mas também ouve os alunos. Deve dar-lhes atenção e cuidar para que aprendam a expressar-se” (2013, p.251). A quase totalidade dos discentes (96,7%) acreditam que esta relação interfere no processo de aprender, nenhum dos respondentes retorna negativamente a esta questão, o que nos leva a inferir que uma relação de afetividade, dialógica e respeitosa entre docente e discente pode garantir um clima psicológico favorável para a aprendizagem. Igualmente, a quase totalidade dos respondentes (98%) sinaliza positivamente para o perfil de um professor que preze pela relação respeitosa e dialógica com os discentes afirmando que isto contribui para a aprendizagem.

Boruchovitch (2014) ao discutir sobre a aprendizagem autorregulada explícita que existem três tipos de autorregulação sendo a comportamental, a ambiental e a interna, acrescentando ainda que a “comportamental ocorre por meio da

auto-observação e do ajustamento estratégico dos fatores pessoais e comportamentais” e a ambiental “se dá por meio da auto-observação, e envolve a adequação entre as condições ambientais e os fatores comportamentais” (2014, p. 404). Portanto, ressalta-se aqui a importância da auto-observação no processo de aprendizagem, neste movimento de conseguir observar sua própria caminhada realizando modificações necessárias para o redirecionamento de questões, um olhar para o seu próprio aprendizado, de maneira que ele possa identificar quais são seus erros, acertos, dificuldades que precisam ser trabalhadas ou consolidadas.

Polydoro e Azzi afirmam que a auto-observação “permite ao indivíduo identificar seu próprio comportamento, o que deve ocorrer na amplitude das várias dimensões do desempenho: qualidade, quantidade, originalidade, sociabilidade, moralidade e desvio” (2009, p. 76). Ainda neste contexto Zimmerman (2000 *apud* Boruchovitch, 2014, p. 404) discute que a autorreflexão, como uma das fases cíclicas do processo da aprendizagem autorregulada, consiste em um momento que os “estudantes se autoavaliam quanto à realização das metas e à eficácia das estratégias empregadas”.

Neste sentido, ao questionar os alunos se eles costumam fazer autoavaliações (autorreflexão) acerca do seu processo de aprendizagem, mais da metade 52,7% (79 alunos) alegaram que “sim”, seguido de 36,7% (55 alunos) que relataram “às vezes” e 10,7% (16 alunos) que negaram tal prática. Para a maioria dos discentes, cerca de 84,7% (82 alunos), reconhecer onde se encontram as dificuldades é essencial para tentar sanar ou buscar estratégias para aprimorar sua aprendizagem, portanto reafirma-se a importância do exercício da autoavaliação que permite um olhar para aspectos internos que podem estar impactando diretamente o desenvolvimento do indivíduo.

Segundo Boruchovitch (2014) abordar a autorregulação da aprendizagem na formação de professores é fundamental materializando-se em propostas que “coloquem o professor em formação numa reflexão e num diálogo interno com a dupla vertente de sua formação - a de estudante e a de futuro professor”. Questionados sobre a utilização da autoavaliação pelos docentes de curso, apenas 36% dos discentes responderam positivamente à questão.

Piletti e Rossato (2019, p.26) ratificam que o papel do professor é fundamental, afinal “Se o aluno não aprende, possivelmente é porque o modo como ele aprende e o que faz com que ele aprenda, de alguma maneira, não foram compreendidos pelos responsáveis pelo ensino.”

Dentre as principais dificuldades específicas relacionadas ao processo de aprendizagem identificadas pelos discentes neste contexto da autorreflexão, destacam-se: a falta de atenção, concentração, memorização, procrastinação e organização; formação anterior precária; desmotivação; dificuldades em interpretar; acompanhar o conteúdo e manter uma rotina de estudos. Uma das etapas fundamentais em aprender a aprender é reconhecer onde se encontram as dificuldades para tentar superá-las conforme relatado por alguns alunos:

“Reconhecer meus limites e ter paciência com o processo, sem cobranças excessivas” (R.10);

“Eu observo que eu tenho dificuldade em entender alguns conteúdo, e muitas vezes não consigo interpretar algumas coisas” (R.17);

“Quando reconhecemos onde estamos com dificuldades, podemos então tentar melhorar, reconhecer é o primeiro passo para isso acontecer, consigo entender onde tenho dificuldades busco sempre tentar melhorar” (R.18);

“Noto que tenho dificuldade, quando demoro em resolver determinadas questões a respeito do assunto” (R.34);

“Não consigo me concentrar direito, então tenho que estudar o conteúdo em casa” (R.35);

“Quando identifico alguma dificuldade no processo de aprendizagem sempre busco refazer o caminho e sanar os entraves apresentados no percurso” (R.38);

“Tenho dificuldade em fixar o conteúdo rapidamente, preciso anotar e ler novamente” (R.50);

“No inglês, por exemplo, consigo ler textos e tenho uma boa pronúncia, porém, não consigo falar porque não tenho habilidades sociais para realizar uma conversa. Outra dificuldade é lidar com muitas coisas em um único dia, pois eu preciso me esforçar muito para que tudo saia bem feito” (R.53).

Diante do exposto, observa-se que a maioria dos discentes tem consciência de sua própria aprendizagem e sabe reconhecer seus desafios, dificuldades e potencialidades, então eles buscam compreender seus limites, se entender como aluno ou sujeito com fragilidades e habilidades, para assim estudar mais, buscar outras estratégias, procurar outros meios para obter uma aprendizagem mais efetiva como a adesão às anotações, leitura, dentre outros. Tais medidas são adotadas visando de alguma forma superar seus pontos frágeis e melhorar seu processo de aprendizagem.

Observa-se ainda, que a maioria dos entrevistados 52% (78 alunos) costumam estabelecer metas e objetivos dentro do seu aprendizado, enquanto 39, 9%

(59 alunos) apenas tentam e 8,7% (13 alunos) não priorizam isso quando o assunto é aprender. Para alguns alunos um dos desafios é a rotina do dia a dia, ter que lidar com problemas de ordem pessoal e econômica:

“Encontrar tempo para estudar fora da instituição, pois entre dois trabalhos e a faculdade não resta muito tempo disponível e isso desmotiva muito, mas preciso dar conta da vida pessoal e da família que não possui boas condições que me permitam focar nos estudos” (R.09)

“Tenho bastante dificuldade em relação ao tempo necessário de estudo, onde além de estudar tenho que me preocupar com outros assuntos pessoais” (R.41)

Assim, pode-se inferir que o próprio ato de aprender é a meta para algumas pessoas, enquanto para outras é um desafio diário, devido à realidade de ter que conciliar estudo, trabalho, família e estabelecer um tempo para se dedicar aos estudos. Com relação ao trabalho, esta é uma situação que muitos licenciandos vivenciam, principalmente para os 40,7% dos respondentes que encontram-se matriculados no turno noturno e que buscam a formação devido ao emprego durante o período diurno.

Libâneo nos afirma que conduzir o processo de ensino “requer uma compreensão clara e segura do processo de aprendizagem: em que consiste, como as pessoas aprendem, quais as condições externas e internas que o influenciam” (2013, p.87). Portanto, a pesquisa buscou levantar entre os respondentes quais as metodologias de ensino mais utilizadas pelos docentes e quais destas mais facilitarão a aprendizagem, entendendo que a adoção de determinado método está intimamente ligada ao conhecimento da realidade e necessidade dos discentes, para além do conhecimento sobre os interferentes da aprendizagem.

No que se refere às metodologias de ensino adotadas pelos docentes, essas consistem em explanação com uso de slides apontada por 92% dos discentes, seguida de leituras sobre os conteúdos (82,7%), seminários (77,3%), atividades de fichamentos, resumos e resenhas (75,3%), trabalhos em grupos (70,7%), explanação com uso do quadro branco (64%) e debates sobre diversos temas (56,7%). A correlação entre conteúdos em filmes e séries (20%), os jogos digitais (4%), as aulas práticas em ambiente fora da sala de aula (4,7%), resolução de listas de exercícios (0,7%), as aulas experimentais em laboratório (9,3%) ficaram entre as metodologias menos utilizadas pelos docentes.

A questão seguinte buscou relacionar a metodologia utilizada pelos docentes que mais favoreciam a aprendizagem do discente e dentre as mais apontadas encontramos os debates sobre diversos temas (64%), explanação com uso de slides (56%), explanação com uso do quadro branco (54%), realização de leituras (50,7%), seminários (47,3%), aula prática em ambientes fora da sala de aula (46,7%), trabalhos em grupo (45,3%), atividades escritas de fichamento, resumo e resenha (41,3%), correlação do conteúdo com filmes e séries (40%), aula experimental em laboratório (40%) e jogos digitais (28%).

Correlacionando estes últimos dados é possível inferir que em parte as metodologias utilizadas pelos docentes dialogam com as necessidades de aprendizagem dos discentes, sendo necessária uma reavaliação de alguns que foram apontados pelos respondentes e que são pouco utilizados nas aulas: as aulas experimentais em laboratórios, aulas práticas fora do ambiente da sala de aula, os jogos digitais e a correlação do conteúdo com filmes e séries, sendo este último uma possibilidade de conexão com a fase em que se encontra a maioria dos licenciandos que é adolescência. Vale destacar ainda que as vivências particulares de cada aluno influenciam na forma como eles se encontram no seu processo de aprendizagem, assim ao apontarem os debates em sala como principal método, evidenciam assim a importância do emprego de metodologias ativas que estimulam e colocam o educando como protagonista no seu processo de aprendizagem.

Para além deste fato, podemos alertar para o uso da explanação como metodologia da maior parte dos docentes que, embora seja apresentada como facilitadora do processo de aprendizagem, é preciso que incita uma postura de não passividade, receptividade, mas de assimilação ativa por parte do discente pois "há uma atividade no sujeito em relação aos objetos de conhecimento para assimilá-los; ao mesmo tempo, as propriedades do objeto atuam no sujeito, modificando e enriquecendo suas estruturas mentais (LIBÂNEO, 2013, p. 89).

Os dados levantados e analisados nesta pesquisa sinalizam que a aprendizagem é uma preocupação dos discentes que buscam estratégias para aprimorar seus processos, sendo que possuem um conhecimento sobre como aprendem e quais recursos facilitam o ato. Portanto, cabe ao docente e à instituição rever sua prática de ensino para que possa aprimorar ainda mais o processo de aprendizagem discente adotando inclusive outras medidas que possam integrar o ambiente onde se ocorre todo o processo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em conformidade com o objetivo estabelecido neste estudo que investigou as concepções que os discentes possuíam acerca do seu processo de aprendizagem, considerando questões pessoais, os indivíduos envolvidos e o ambiente oferecido, constatou-se que há o reconhecimento dos discentes sobre a própria aprendizagem, na qual eles estabelecem metas, objetivos, rotinas de estudo e perspectivas positivas nos estudos.

Este estudo traz alguns apontamentos e contribuições positivas para a aprendizagem como: a importância da afetividade no meio acadêmico, um bom relacionamento pedagógico entre docente e discente, a motivação como fator crucial para o aprendizado, o interesse pessoal do indivíduo para e com sua própria aprendizagem, assim como a autorreflexão que permite a eles terem consciência de suas dificuldades para que o saber seja consolidado, para além disso, destaca-se o uso de práticas e de técnicas que, segundo os discentes, favorecem este processo como ouvir músicas, praticar atividades físicas, yoga, meditação.

No entanto, os dados reforçam a necessidade de um olhar para a prática pedagógica do docente a fim de que esta acompanhe a realidade dos discentes e também um olhar para a instituição que pode colaborar com formação permanente do professorado com relação a estas questões, além de poder integrar ao currículo alguma prática que possa vir a facilitar a aprendizagem como yoga ou meditação e que favoreça a concentração e atenção dos discentes destacada na pesquisa como um dado alarmante.

A pesquisa encerra-se sem a pretensão de finalizar esta discussão sempre urgente e necessária que envolve não só uma disposição do discente para aprender, mas toda a instituição através de seus colaboradores para que ela seja realidade e colabore para a formação de profissionais que vão priorizar a aprendizagem de seus alunos nos seus locais de atuação, pois uma transformação local leva a mudanças estruturais. Para futuras pesquisas abordamos as possibilidades de investigar as concepções dos docentes sobre a aprendizagem discente para que seja possível ter uma visão ainda mais integrada de todo o processo.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. Análise de conteúdo. Edição revista e ampliada. São Paulo: Edições 70 Brasil, [1977] 2016.

BASSO, C.; GRAF, L.; CABRAL, F.; SCHIMIDT, B.; PATTA, B. Organização de tempo e métodos de estudo: Oficinas com estudantes universitários. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, vol. 14, núm. 2, jul-dez, 2013, p. 277-282. Associação Brasileira de Orientação Profissional São Paulo, Brasil

BORUCHOVITCH, Evely. Autorregulação da aprendizagem: contribuições da psicologia educacional para a formação de professores. **Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, SP. Vol.18, N°. 3, 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2175-3539/2014/0183759>. Acesso em: 20 abr. 2023.

BRITO, Ana Paula Gonçalves; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de Oliveira e SILVA, Brunna Alves da. A importância da pesquisa bibliográfica no desenvolvimento de pesquisas qualitativas na área de educação. *Cadernos da Fucamp*, Minas Gerais, v.25, n.44, p. 1-15, abr/2021. Disponível em: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2354>. Acesso em: 10 nov 2023.

DE-NARDIN, M. H.; SORDI, R. O. Um estudo sobre as formas de atenção na sala de aula e suas implicações para a aprendizagem. *Psicologia & Sociedade*, v. 19, n. 1, p. 99-106, jan. 2007.

DE OLIVEIRA, Êmila S. Motivação no ensino superior: estratégias e desafios. *Revista Contexto & Educação*, [S. l.], v. 32, n. 101, p. 212-232, 2017. DOI: 10.21527/2179-1309.2017.101.212-232. Disponível em: <https://revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/article/view/5924>. Acesso em: 12 nov. 2023.

CAMPOS, Dinah Martins de Souza. **Psicologia da aprendizagem**. 40. ed. Petrópolis Vozes, 2013.

COUTO, C. DO; SARDINHA, L. S.; LEMOS, V. DE A. Relações entre sono e aprendizagem em adolescentes. *Diálogos Interdisciplinares*, v. 7, n. 4, p. 29-33, 15 dez. 2018.

GUIMARÃES, S. É. R. - RUFINI, S. É. R. . A Organização da Escola e da Sala de Aula como Determinante da Motivação Intrínseca e da Meta Aprender. In: José Aloyseo Bzuneck; Evely Boruchovitch. (Org.). **A motivação do aluno**: Contribuições da Psicologia Contemporânea. 1ed.Petrópolis: Vozes, 2001, v. 1, p. 62-86.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2013.

LOPES, Wescley Batista; CLEMENTE, Marina Cavalcanti Tavares; MORAES, Rozania Maria Alves de. A relação professor formador e professor estagiário: uma reflexão sobre afetos e poder de agir. *Miguilim–Revista Eletrônica do Netlli, Crato*, v. 12, n. 2, p. 4-24, maio-ago.2023

MALHEIROS, Bruno; MALHEIROS, Gustavo. Descomplicando a aprendizagem: 5 passos que vão mudar a sua forma de adquirir conhecimentos. *Recto: Aprendizagem Descomplicada*.

PILETTI, Nelson; ROSSATO, Solange Marques. **Psicologia da aprendizagem**: da teoria do condicionamento ao construtivismo, São Paulo, Contexto, 2019.

POLYDORO, Soely Aparecida Jorge; AZZI, Roberta Gurgel. Autorregulação da aprendizagem na perspectiva da teoria sociocognitiva: introduzindo modelos de investigação e intervenção. **Psic. da Ed.**, São Paulo, 29, 2º sem. de 2009, pp. 75-94.

VALLE, Luiza Elena Leite Ribeiro do; VALLE, Eduardo L. Ribeiro do; REIMÃO, Rubens. Sono e Aprendizagem. **Rev. Psicopedagogia**. 2009. Disponível em: http://pep-sic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862009000200013. Acesso em: 08 mai. 2023.